

**CULTURA E LINGUAGEM EM ANTONIN ARTAUD:  
UMA PERSPECTIVA ARTÍSTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**

Vitor Mateus dos Reis Martins Duarte

Orientadora: Marinê de Souza Pereira

**RESUMO**

O presente artigo pretende trazer uma proposta de ensino de filosofia que utilize como centro o pensamento de Antonin Artaud, poeta e teatrólogo francês inserido no contexto artístico da primeira metade do século XX. Realizar esse trabalho significa ao mesmo tempo apresentar a vida e a obra de Artaud, expor a relação entre seu pensamento e a filosofia, evocar elementos didáticos que justifiquem a utilização de um artista no ensino de filosofia e refletir sobre as consequências e possibilidades do ensino do pensamento artaudiano de maneira filosófica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino, Filosofia, Cultura, Linguagem, Arte.

**ABSTRATC**

The present article intends to bring a proposol of teaching philosophy that uses like center the Antonin Artaud's thought, french poet and teatrólogo inserted in the artistic of the first half of the 20th century. To carry out this work at the same time, present a life and work of Artaud, to expose the relation between his thought and philosophy, to evoke didactic elements that justify the use of an artist in the teaching of philosophy and to reflect on the consequences and possibilities of teaching of Artaud's thought philosophically.

**KEY WORDS:** Teaching, Philosophy, Culture, Language, Art.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo busca construir uma proposta de ensino de Filosofia utilizando o pensamento de Antonin Artaud (1896 – 1948) como referência central. Para isso, ele buscará nesse poeta francês elementos que se justifiquem como filosóficos e que tragam novas possibilidades de reflexão sobre cultura, linguagem e arte.

Inicialmente, o texto será dedicado à vida e à obra de Artaud e à relação entre seu pensamento e a Filosofia. Em um segundo momento, este artigo irá expor uma proposta de sequência didática que utiliza o pensamento de Antonin Artaud como centro, articulando justificativas para a utilização de um artista no ensino de Filosofia. Ao cabo do texto, serão realizadas as considerações finais, que visam contextualizar um pouco o nascimento e o desenvolvimento desta proposta de ensino. Além disso, há a inclusão de cinco anexos, ao final do artigo, com a proposta de sequência didática discutida no corpo do texto, mas elaborada de modo mais formal e objetivo para servir de referência a outros possíveis interessados em reproduzi-la ou recriá-la.

## **O PENSAMENTO DE ANTONIN ARTAUD E A FILOSOFIA**

Antonin Artaud nasceu em 1896 na cidade de Marselha, na França. Apesar de ter nascido no século XIX, sua produção artística está fortemente ligada ao período entreguerras e ao movimento surrealista. Foi um poeta e teatrólogo que viveu muito pouco, que foi tido como louco pela sociedade em que viveu e que escreveu de forma artística sobre temas extremamente filosóficos, tais como a linguagem, a cultura, a arte e a vida.

Para tratar desses temas no pensamento de Artaud, este Trabalho de Conclusão de Curso escolheu como principal fundamentação teórica dois textos presentes na coletânea *O Teatro e seu Duplo*: “O teatro e a cultura” e “Acabar com as obras primas”. O primeiro foi escolhido por conta de sua força e sua enorme crítica à cultura ocidental, e o segundo, por causa de sua grande problematização em relação a um dos principais fundamentos da sociedade europeia, qual seja, a noção de obra prima.

Em “O teatro e a cultura”, Antonin Artaud observa que a cultura ocidental de sua época estava imobilizada, estática nos museus e nas obras primas, extremamente distante das questões urgentes da existência no momento. Para ele, a cultura precisava reger a vida, mas no Ocidente isso de fato não acontecia, gerando um esvaziamento da sociedade, que, sem ser penetrada pela cultura, acabava por desprezá-la.

Assim, se as pessoas carecem de suprir suas necessidades básicas e a cultura se constrói como um conceito sem nenhum interesse material e sem nenhum envolvimento afetivo, ela se coloca como algo distante da realidade, que diz respeito não ao cultivo em comum, mas ao culto a algo reservado, que se separa da vida ordinária, colocando-se nos panteões tais quais os museus e as bibliotecas. Por isso, é necessário que a cultura tenha uma ideia idêntica à da fome, que funcione como uma necessidade básica, penetrando a vida real<sup>1</sup>.

A problematização se refere também ao teor dos sistemas de pensamento que fundamentaram a sociedade ocidental ou às composições conceituais da cultura europeia, questionando o quanto essas composições afetam a vida das pessoas comuns.

Para Artaud, ou os sistemas de pensamento ocidentais estão impregnados nas pessoas a ponto de elas viverem deles, e os livros não importariam em nada, ou as pessoas não estariam impregnadas pelos sistemas de pensamento e assim não importaria também se eles desaparecessem<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> “Nunca como nesse momento, quando é a própria vida que se vai, se falou tanto em civilização e cultura. E há um estranho paralelismo entre esse esboroamento generalizado da vida que está na base da desmoralização atual e a preocupação com uma cultura que nunca coincidiu com a vida e que é feita para reger a vida. (...) Antes de retornar à cultura, constato que o mundo tem fome e que não se preocupa com a cultura; e que é de um modo artificial que se pretende dirigir para a cultura pensamentos voltados apenas para a fome. (...) O mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou qualquer ser humano de ter fome e da preocupação de viver melhor, mas extrair, daquilo que se chama cultura, ideias cuja força viva é idêntica à da fome” (ARTAUD, 2006, p. 1).

<sup>2</sup> “O que falta, certamente, não são sistemas de pensamento; sua quantidade e suas contradições caracterizam nossa velha cultura europeia e francesa; mas quando foi que a vida, a nossa vida, foi afetada por esses sistemas? (...) Não diria que os sistemas filosóficos sejam coisas para se aplicar direta e imediatamente; mas de duas, uma: Ou esses sistemas estão em nós e estamos impregnados por eles a ponto de viver deles, e então que importam os livros? Ou não estamos impregnados por eles, e nesse acaso não mereciam nos fazer viver; e, de todo modo, o que importa que desapareçam?” (ARTAUD, 2006, p.2).

Essa questão coloca em xeque os sistemas de pensamento que fundamentam a cultura ocidental. A partir do momento em que essa cultura passa a ser algo intocável e acorrentado em obras primas de um passado distante, ela passa a não ser mais necessária para as pessoas, as quais ficam sem a mínima pretensão de encontrar isso que o Ocidente chamou de cultura.

Por isso é que Artaud reivindica uma ideia de cultura que se exerce de maneira vívida e pujante. Para ele, a cultura precisa ser estabelecida dentro dos domínios do ímpeto vital da natureza, ou seja, ela tem de estar dentro de uma ideia de necessidade básica do ser humano e precisa agir com grande força e exaltação. De modo que, se o povo não se interessa pelos clássicos literários, é porque os clássicos literários não são interessantes para sua época, tornando-se manifestações mortas, registros de outras épocas, de outras necessidades.

Já em “Acabar com as obras primas”, o poeta francês discute o uso dos textos, elemento fundamental no estudo de filosofia, e o pilar principal do elitismo das academias e da cultura ocidental. Antonin Artaud lança mão de uma crítica ácida às obras-primas, aos textos que se tornam sacralizados na cultura ocidental e por isso tomam lugar das manifestações fartas de vitalidade que só a massa pode produzir, dado que o povo só se interessa pelo que diz respeito à vida<sup>3</sup>.

Para reivindicar a ideia de um teatro transformador, Artaud observou também as festas populares e reivindicou que um teatro *interessado*<sup>4</sup> se atentasse às multidões que em época de festas saem às ruas efervescentes, e encham as cidades de alegria. Tal poesia precisa ser olhada atentamente.

---

<sup>3</sup> “As obras-primas do passado são boas para o passado, não para nós. Temos o direito de dizer o que foi dito e mesmo o que não foi dito de um modo que seja nosso, imediato, direto, que responda aos modos de sentir atuais e que todo mundo compreenda. (...) É idiotice censurar a massa por não ter o senso do sublime, quando se confunde o sublime com uma de suas manifestações formais que são, aliás, e sempre, manifestações mortas. E se, por exemplo, a massa de hoje já não compreende Édipo rei, ouso dizer que a culpa é de Édipo Rei e não da massa.” (ARTAUD, 2006, p.83-84).

<sup>4</sup> Artaud reivindica o Teatro da Crueldade, para ele o teatro precisa se debruçar sobre a vida, e, se a vida admite o mal e tudo o que é inerente ao mal, o teatro interessado também admitirá. Não se trata da crueldade no sentido empregado comumente, vista como um sinônimo de atrocidade, de barbárie, de prazer com o sofrimento alheio, e sim de um sentimento intenso de preenchimento da vida e de todas as suas possibilidades. Trata-se, sobretudo, de lucidez.

A potência observada nos festejos populares não é vista nas obras primas, que, ao invés de se prestarem à existência, encerram-se na poesia do pretérito. Os clássicos da literatura foram ótimos para o passado, mas acabam podendo novas manifestações que respondam às demandas de cada tempo. Por isso, os clássicos da literatura precisam abrir espaço para que cada tempo tenha sua própria expressão, sobre suas próprias necessidades.

Para Artaud, o povo se afastou do teatro porque ele se tornou pura psicologia<sup>5</sup>. Em sua visão, empurra-se no ocidente uma ideia de teatro em que os atores se revelam de uma maneira desinteressada ao seu público. O espetáculo no teatro psicológico se desenvolve completamente desligado da plateia, uma vez que ela não é implicada de fato no que ocorre em cena (não corre perigo). Se o público não se interessa por um teatro que mostra apenas o espelho do que ele é, a culpa é do teatro e não do público<sup>6</sup>.

Dessa maneira, a ideia imposta de arte pela arte, com a arte de um lado e a vida de outro, mostra-se extremamente ineficaz e preguiçosa (ARTAUD, 2006, p.87). E já que tudo se degenerou e enlouqueceu, criando desesperados e doentes, o convite de Artaud é para que haja reação a essa deturpação da arte teatral, para que a preguiça institucional seja rompida.

Tomando a filosofia como uma análise profunda e atenta sobre conteúdos como a arte, a ciência, a linguagem, a moral etc., a escrita de Artaud, que se debruça sobre a arte, a cultura e a linguagem, por exemplo, pode ser tomada de maneira filosófica, pois, apesar de escrever de modo artístico, ele está realizando uma reflexão profunda e atenta sobre tais temas. Mais ainda. Quando Artaud desenvolve seus textos, ele observa que a linguagem acadêmica é extremamente engessada e não permite a plena comunicação. Dessa forma, a sua escrita apaixonada e entusiasmada é uma forma de crítica à linguagem fechada do ocidente, como um modo de transmitir plenamente o que deseja. Ou

---

<sup>5</sup> Artaud chama o teatro ocidental de teatro psicológico. Esse teatro é duramente criticado por ele por ser fundamentado no texto escrito e por ser repleto de narrativas individuais e descrições psicológicas.

<sup>6</sup> “Se a massa se desacostumou de ir ao teatro; se acabamos todos por considerar o teatro como arte inferior, um modo de distração vulgar, e por utilizá-lo como exutório para nossos maus instintos, foi por tanto nos dizerem que isso era teatro, ou seja mentira e ilusão. Foi por nos habituarem desde quatrocentos anos, desde a Renascença, a um teatro puramente descritivo e narrativo, que narra a psicologia.” (ARTAUD, 2006, p.86).

seja, seu modo artístico de escrever é concretizado a partir de uma reflexão concreta sobre a linguagem.

Assim, estudar Artaud pode trazer enormes contribuições ao estudo da filosofia. Por meio de sua teoria é possível pensar sobre a necessidade de utilizar diferentes tipos de linguagem na vida, sobre o quanto a academia se afastou dos problemas enfrentados pelas pessoas em sua vida cotidiana, sobre a importância de olhar para outras culturas e sobre as possibilidades que a aprendizagem da arte pode trazer também à nossa vida.

## **A CRIAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA UTILIZANDO O PENSAMENTO DE ANTONIN ARTAUD COMO REFERÊNCIA CENTRAL**

Para além da questão dos conteúdos a que Antonin Artaud se dedicou em vida, os quais já foram apontados como filosóficos, existe uma questão relativa à educação.

Penso a educação a partir do que Jorge Larrosa Bondía, em “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, denominou de par experiência/sentido. Dessa forma, o sentido apareceria como aquilo que modificaria as palavras e levaria à criação de realidades e à potencialização de mecanismos de subjetivação. Já a experiência, seria aquilo que nos passa e, por isso, o sujeito da experiência, no caso o aluno, seria marcado por sua passividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Essa passividade seria construída por meio de paixão, padecimento, paciência e atenção (LARROSA, 2018, p. 26).

Larrosa defende que a educação depende da experiência e, para ele, a experiência é a possibilidade de que algo nos aconteça, necessitando, para tanto, de tempo, espaço, paciência, parar para pensar, parar para escutar, parar para olhar, parar para sentir.

Ora, Artaud é um artista, e a arte depende diretamente desse tipo de experiência defendida por Larrosa. Tanto a poesia quanto o teatro só são compreendidos em toda sua magnitude se há disponibilidade, abertura, tempo e espaço para as sensações que eles provocam.

E se Artaud trata de temas que também são do interesse da filosofia, como a cultura, a linguagem e a própria arte, podemos utilizar essa experiência artística como uma forma diferente de produzir sentidos filosóficos, como uma possibilidade de pensar temas pensados pela filosofia, levando em consideração o tempo, o espaço e a paciência de quem será envolvido pelo assunto. Utilizar um artista no ensino de filosofia contribui para que a experiência do aluno seja “maximizada”, pois o tempo da arte é completamente diferente, exigindo paciência, padecimento e um calmo mergulho no conteúdo da aula.

Dessa forma, elaboramos uma sequência didática<sup>7</sup> utilizando o pensamento do poeta francês. Pensamos em quatro aulas de cinquenta minutos. Aulas que precisariam se encaixar no cronograma de filosofia do ensino médio. A proposta seria trabalhar principalmente com dois conceitos estruturantes, o de cultura e o de arte, além de uma introdução à obra de Artaud e ao pensamento iluminista e sua influência sobre a cultura ocidental. Também seria importante pensar sobre o que seria uma arte revolucionária.

O plano didático foi dividido em três partes: sensibilização artística e aula expositiva sobre o Iluminismo e suas influências na cultura ocidental; leitura de textos de Antonin Artaud para a compreensão dos conceitos de cultura e de arte em seu pensamento; e, por fim, a discussão sobre o que seria uma arte verdadeiramente revolucionária.

Como essa sequência didática foi pensada dentro dos pressupostos descritos para a elaboração da aula, tentamos iniciá-la com a criação de condições para que a experiência descrita por Jorge Larrosa Bondía acontecesse.

Por isso, a primeira aula<sup>8</sup> desse plano didático teria como função principal ser uma tarefa da experiência. Nessa aula seriam utilizados dois vídeos e uma música clássica com o objetivo de propiciar aos alunos tempo para sentir, escutar e olhar. Essa tarefa da experiência funcionaria como introdução a toda a

---

<sup>7</sup> A sequência didática *Cultura e Arte por meio do pensamento de Antonin Artaud* está anexada a este documento.

<sup>8</sup> O plano de aula *O Iluminismo e suas consequências na cultura europeia* está anexado a este documento.

sequência e abriria espaço para uma aula expositiva sobre o contexto histórico e os principais aspectos do pensamento iluminista.

Como o segundo bloco dessa sequência didática é baseado na leitura dos textos de Artaud, a aula expositiva cumpre um papel de aproximação dos alunos aos temas que serão lidos. Essa exposição é pensada dentro do conceito de leitura de Merleau-Ponty. Em *A Prosa do Mundo*, o autor diz que “[a] leitura é um confronto entre os corpos gloriosos e impalpáveis da minha fala e da fala do autor” (MERLEAU-PONTY, 1989, p. 35). Ou seja, nessa concepção é necessário um estado de proximidade entre o leitor e o autor, um estado que possibilite que o aluno adentre o texto e dialogue com o que leu.

Dessa maneira, depois da primeira aula, que consiste na primeira etapa do plano de ensino, entraríamos na segunda etapa, composta por duas aulas. Nelas, seriam feitas introduções que aproximariam os alunos dos textos e leituras conjuntas de trechos da coletânea *O Teatro e seu Duplo*. Uma aula<sup>9</sup> seria fundamentada no texto “O teatro e a cultura”, e a outra aula<sup>10</sup>, no texto “Acabar com as obras primas”.

As duas aulas seriam baseadas em uma leitura atenta e crítica dos textos, e visariam fornecer aos alunos elementos que subsidiariam a sua capacidade de compreender o funcionamento da cultura, da arte e da filosofia ocidental. Textos que, apesar de serem artísticos, podem ser lidos filosoficamente, pois, como atesta Ricardo Fabbrini, em “O ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento”, a leitura filosófica é baseada no modo como o leitor lê o texto:

Uma leitura é filosófica não porque o texto lido, como vimos, seja filosófico, a priori, haja vista que é possível ler textos considerados unanimemente da tradição filosófica – textos de Platão, Descartes ou Hegel – de modo não filosófico; o que torna, enfim, uma leitura “uma leitura filosófica”, e que pode ser ensinada, é esse exercício paciente de escuta do texto escrito, ou seja, a interpretação lógica dos argumentos e a marcação dos tropos, ou imagens desse texto. A aula seria, assim, a ocasião para a escuta conjunta – do

---

<sup>9</sup> O plano de aula *O conceito de Cultura por Antonin Artaud* está anexado a este documento.

<sup>10</sup> O plano de aula *A finalidade das obras primas por Antonin Artaud* está anexado a este documento.



aluno e do professor – de um texto no sentido da “elaboração” da linguagem e não da “aquisição de um saber”; e, neste aspecto, ela se assemelha menos à transmissão de conhecimentos e mais a uma regressão, a um recuo às interpretações passadas, mas ainda passíveis de elaboração. (FABRINI, 2005, p. 11)

O desenvolvimento de uma leitura filosófica, que se atente às condições de escrita do texto e suas palavras, é fundamental para criação de uma condição de “inteligibilidade”, pano de fundo dessa sequência de aulas. A “inteligibilidade” é discutida por Celso Favaretto em “Sobre o Ensino de Filosofia” e é marcada pela construção de um vocabulário de segurança com os alunos, que possibilite discernir o significado de uma determinada estrutura. Em suas palavras:

Veja-se que esta pode ser uma via produtiva para se precisar um objetivo tão difundido (e mal compreendido) do ensino de filosofia no 2º grau: desenvolvimento do pensamento crítico através da vinculação entre problemas vivenciais e problemas filosóficos. Educar para a inteligibilidade, contribuir para a constituição de uma retórica (...) implicam em submeter os interesses dos alunos a um tratamento que lhes permita descobrir os encadeamentos, a lei, a estrutura que está (ou não está) nos discursos por eles elaborados. (FAVARETTO, 1993, p.99)

Para Favaretto, a criação da “inteligibilidade” depende diretamente do professor, pois o ensino de filosofia vale o pensamento daquele que ensina, ou seja, o modo de ensinar filosofia é uma escolha do professor. É o professor quem escolhe o recorte filosófico que irá utilizar em suas aulas e como ele desenvolverá as condições para que os alunos possam compreender o significado dos discursos que eles mesmos elaboram.

O nosso recorte foi o conceito de cultura e o conceito de arte dentro do pensamento artaudiano, desenvolvidos por meio das noções de experiência e leitura filosófica. Porém, além de termos como objetivo a criação de condições para que os alunos compreendam o significado de seus discursos, queremos que os alunos possam produzir discursos filosóficos que dialoguem com o recorte que escolhemos.

Nesse sentido, pensamos em uma sequência didática que possa proporcionar também aos alunos o “falar em nome próprio”, conceito abordado no texto de Filipe Ceppas “Desencontros entre ensinar e aprender filosofia”. Para Ceppas (2011), aprender a “falar em nome próprio” é aprender a olhar para a história da filosofia, e a partir disso conseguir formular um pensamento próprio. Isso implica enfrentar a verdade desarmado, sem erudições, retirando os mitos que impedem o acesso à filosofia. Como explica o autor:

[...] a originalidade, a genialidade ou a autonomia do pensamento são mitos de um aprendizado da filosofia que sacraliza o texto dos pensadores como acesso a um significado transcendente, de difícil acesso, impedindo, paradoxalmente, que o estudante possa ensaiar ter um pensamento próprio. Portanto, quando penso, aqui, no aprendizado da filosofia como um "aprender a falar em nome próprio", não penso em nenhuma pureza ou originalidade, em nenhuma proibição de falar a partir da tradição, a partir do que outros já disseram. (CEPPAS, 2011, p.53)

Para Ceppas, o aspecto mais importante do ensino de filosofia é a aprendizagem de um “falar em nome próprio”, o que não significa a concepção de um pensamento puro e original, que não contenha nada que não tenha sido dito anteriormente. O “falar em nome próprio” significa se utilizar da história da filosofia para compor seu próprio pensamento. Por meio do texto de Ceppas, vinculamos a nossa proposta a uma nova forma de olhar para a aula, com a tentativa de construir a possibilidade do “falar em nome próprio” dos alunos, que por meio da obra de Artaud podem encontrar perspectivas de pensar seus próprios conceitos de cultura, arte e filosofia.

Os estudantes teriam a possibilidade de desenvolver o seu “falar em nome próprio” na última etapa da sequência de ensino, a quarta aula<sup>11</sup>. Nessa aula, seria proposta uma roda de conversa onde os alunos poderiam utilizar o pensamento artaudiano para pensar em formas de realizar arte. Como dito acima, não pretendemos que os alunos criem um pensamento puro e original, e

---

<sup>11</sup> O plano de aula *A possibilidade de uma arte revolucionária a partir de Antonin Artaud* está anexado a este documento.

sim que eles possam compreender a obra artaudiana e dessa forma discutir possibilidades de criação de uma arte revolucionária.

Porém, essa roda de conversa tem como principal objetivo a criação de um ambiente onde professor e alunos possam interagir de forma extremamente afetiva. Pretendemos que essa última etapa da sequência didática seja uma etapa protagonizada pela alegria, e conseqüentemente efetive um bom encontro.

Essa concepção de protagonismo dos afetos e busca pela alegria para a realização de um bom encontro é derivada da filosofia de Espinosa, a qual tomamos como pressuposto para o desenvolvimento da sequência didática que criamos.

Quando pensamos na filosofia de Espinosa como fundamento de nosso plano de ensino, estamos falando principalmente de três de suas ideias, que são ótimas para refletir sobre um ensino filosófico a partir da obra de Antonin Artaud, a saber: os afetos, a alegria e a liberdade.

Para Espinosa, os seres estão constantemente se relacionando com outros corpos, toda coisa é capaz de afetar e ser afetada por outras. Mas, em um encontro com outro corpo o ser pode ter sua potência de agir diminuída ou aumentada.

Quando um corpo tem sua potência aumentada no encontro com outro corpo, pode-se chamar esse encontro de alegria. Já quando um ser tem sua potência diminuída no encontro com outro ser, pode-se chamar esse encontro de tristeza. Esses encontros e as ideias desses encontros são o que Espinosa compreende por afetos. Assim, um bom encontro é aquele em que os corpos têm sua potência de agir aumentada, um encontro que gere alegria.

Porém, em Espinosa, um corpo deseja outro corpo porque acredita que ele aumentará sua potência. O problema é que muitas vezes esse desejo tem como base o conhecimento imaginativo, o qual não é seguro, pois se trata mais do efeito (ação) de algum objeto sobre quem conhece – acontecimento subjetivo que indica mais o que se passa em nós, como reação (efeito) da ação das coisas externas, do que a natureza verdadeira delas. Como a imaginação depende da ação das coisas sobre nós, e não de nós mesmos (ou da ação interna de nossa

própria capacidade intelectual), quando imaginamos que algo nos traz alegria, na verdade podemos estar caminhando para a tristeza.

O conhecimento imaginativo é a marca da servidão, da passividade, da determinação por causas exteriores. Então, é necessário buscar o autoconhecimento, a autodeterminação, o agir por nossa própria natureza, e é isso que Espinosa define como liberdade.

É só realizando uma profunda reflexão sobre a própria essência que o ser consegue ir ao encontro da alegria. É necessário se autoconhecer e se autodeterminar para realizar bons encontros. É por isso que Marilena Chauí diz que: “A filosofia de Espinosa é uma ética da alegria, da felicidade, do contentamento intelectual e da liberdade individual e política” (CHAUI, 1995, p. 52).

Ora, os temas propostos na nossa sequência didática são temas comuns no ensino de filosofia. Porém, Artaud pensa a cultura e a arte de forma diferente, já que ele mergulha de corpo e mente nesses conceitos e depois de uma grande reflexão propõe uma verdadeira revolução.

Apesar de estarem em campos opostos em relação à razão, Espinosa, um racionalista, e Artaud, um surrealista, é possível dizer que os dois defendem o uso de um pensar corporal, que se faz reflexivo e rigoroso para o exercício da verdadeira liberdade.

Assim, quando elaboramos esse plano de ensino, pensamos uma sequência didática que abra primeiro um espaço de reflexão. Por isso, ela se inicia como um lugar da experiência. O tempo para sentir e mergulhar no tema transforma o modo de olhar, proporciona uma reflexão do corpo e da mente, ajuda na realização de uma leitura profunda e atenta, pois altera a percepção temporal. Para ler em proximidade com o autor, é necessário entrar no tempo próprio dele.

E é por meio desse exercício de reflexão que é possível criar as condições de inteligibilidade e a possibilidade de os alunos falarem em nome próprio, de modo a poderem utilizar outros pensamentos para compor seu próprio pensamento. Conseqüentemente, o objetivo disso é tornar a sala de aula um

espaço de bons encontros, que os alunos possam conhecer profundamente a filosofia e ter alegria com ela, e que de alguma forma, quando os alunos pensarem sobre cultura e arte, eles tenham sua potência de existir aumentada.

## **CIRCUNSCREVENDO A PROPOSTA POR MEIO DE UM BREVE RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Comecei a cursar as disciplinas da licenciatura em Filosofia em 2015, e por todo o meu percurso acadêmico me encantei com pensadores que conseguiram despertar em mim inquietações, dúvidas e anseios. Filósofos como Bento de Espinosa (1632 – 1677), Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), Gilles Deleuze (1925 – 1995), Michel Foucault (1926 – 1984), entre outros.

Mas, o primeiro pensador a me encantar e a me trazer inquietações não foi um filósofo, foi um artista: Antonin Artaud. O que me encantou em Artaud foi a maneira extremamente apaixonada e entusiasmada com a qual ele escreveu.

Por enxergar nesse artista um enorme potencial filosófico, desenvolvi uma iniciação científica sobre sua obra<sup>12</sup>. Essa iniciação científica tratava especificamente da linguagem e do modo como Artaud realizava críticas à cultura ocidental e tentava propor novas formas de aproximar a arte da vida cotidiana.

Ao mesmo tempo em que estava desenvolvendo a pesquisa sobre a obra de Antonin Artaud, comecei a dar aulas de filosofia na Escola Preparatória da UFABC. Era a minha primeira experiência como professor de filosofia, com a especificidade de se tratar não de um ensino básico regular, mas de um cursinho popular que tem como objetivo a preparação dos alunos da escola pública para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Eu basicamente segui o currículo desenvolvido pelos coordenadores para a área de filosofia. O plano de ensino da Escola Preparatória da UFABC toma a

---

<sup>12</sup> Iniciação científica realizada junto à PROPES/UFABC, de agosto de 2017 a agosto de 2018, com o título *A questão da linguagem no teatro de Antonin Artaud*, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Marinê de Souza Pereira.

história da filosofia como centro. Tomar a história da filosofia como centro é definido por Franklin Leopoldo e Silva (1983) no plano do ensino como:

(...) focalizar os sistemas e autores na ordem histórica do seu desenvolvimento, visando familiarizar os alunos com os problemas e as formas de encaminhamento das soluções.  
(SILVA, 1983, p. 153)

Dessa forma, o cronograma de ensino da EPUFABC é constituído por sistemas e autores na ordem histórica de seu desenvolvimento. Tal cronograma é dividido em quatro partes principais: história da filosofia antiga, história da filosofia medieval, história da filosofia moderna e história da filosofia contemporânea.

Como segui esse currículo de ensino, as aulas eram baseadas em determinados autores ou sistemas e quase sempre somente expositivas, pois se travava de um cursinho preparatório para o ENEM e para outros vestibulares mais tradicionais.

Além de estar pesquisando Antonin Artaud e dando aulas de filosofia na EPUFABC, estava terminando a graduação na Licenciatura em Filosofia e isso implicava a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Um trabalho que pudesse sintetizar os principais conhecimentos e habilidades desenvolvidos na graduação. Tendo isso em vista, surgiu a ideia de realizar o TCC com abordagem da Artaud no ensino de filosofia. Para tanto, era importante experimentar as possibilidades de tal abordagem praticamente, isto é, em sala de aula.

A ideia então foi dar uma aula sobre o pensamento artaudiano na EPUFABC, que tem seu currículo de ensino baseado na história da filosofia como centro. E como encaixar Artaud em um plano de ensino desse tipo?

Pensamos que a transição, dentro de um plano de ensino com a história da filosofia como centro, entre a filosofia moderna, especificamente o Iluminismo, e a filosofia contemporânea poderia ser feita por meio da quebra da noção de razão, a partir de uma crítica à cultura decadente e burguesa, tal como

apresentada por Artaud, que desenvolveu, entre outras reflexões, uma enorme crítica à razão instrumental e à cultura ocidental.

A obra artística de Antonin Artaud pode ser pensada dentro do ensino de filosofia como um rompimento com a tradição iluminista. Rompimento que se faz com um mergulho na experiência, com um pensamento que se constrói extremamente crítico ao modo como a razão é utilizada no Ocidente, ou ao modo como os sistemas de pensamento foram distanciados da vida comum, cercando a cultura dentro de museus e livros.

Tendo em mente isso, planejei a aula com Artaud e sua crítica à cultura ocidental. Aula que tinha como principal objetivo captar a crítica que a obra artaudiana faz à cultura europeia, que está fundamentada no projeto filosófico iluminista.

Essa aula foi dividida em quatro etapas principais: introdução, problematização, desenvolvimento e considerações finais. E como eu possuía duas turmas na Escola Preparatória da UFABC, ela foi aplicada em duas situações, as quais foram muito semelhantes.

Avalio que a aula dada nas duas turmas conseguiu de forma geral desenvolver o conteúdo programado. A enorme pausa que aconteceu logo depois dos elementos sensibilizantes, que eram vídeos sobre a *Belle Époque* e a Primeira Guerra Mundial e uma música eletrônica, mostrou que os alunos tiveram paciência para sentir o que aquelas manifestações artísticas passavam, a potência do desenvolvimento tecnológico e da guerra. O grande interesse dos estudantes pela aula demonstrou que eles foram afetados positivamente pelo tema, e as discussões, após as leituras dos textos, expuseram que os alunos conseguiram ter uma relação de proximidade com tais obras.

Porém, o calendário apertado do cursinho impediu que utilizássemos mais do que uma aula para trabalhar todos esses conceitos. Assim, passamos a pensar como seria se tivéssemos um tempo maior para nos dedicarmos aos conceitos e à obra de Artaud dentro do ensino de filosofia. Por isso, elaboramos a sequência didática que foi apresentada acima, e que se encontra ao final deste

artigo em forma de anexo. Sobre ela, faremos algumas considerações logo abaixo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como supracitado, a criação da sequência didática discutida foi um desdobramento de uma aula aplicada em cursinho pré-vestibular. Nós sentimos a necessidade de elaboração de uma sequência didática por dois motivos: primeiramente porque os conteúdos desenvolvidos na aula explicitada acima são muito densos e complexos, demandando mais aulas para um bom desenvolvimento do tema; e, em segundo lugar, porque o Curso de Licenciatura em Filosofia da UFABC visa formar professores para atuar na Educação Básica, dessa forma um plano didático para o ensino médio seria mais adequado para ir ao encontro dos objetivos do curso.

Assim, trata-se de uma sequência didática elaborada para ser aplicada no ensino médio, mais especificamente no terceiro ano, pois acreditamos que ela teria melhor aproveitamento após os alunos já terem certa familiaridade com alguns conceitos filosóficos como a razão, a cultura e a linguagem.

E apesar desse material partir de uma experiência singular, o contato afetivo que foi desenvolvido com Antonin Artaud e as experiências como professor e aluno da Licenciatura em Filosofia da UFABC fazem com que ele objetive contribuir com a reflexão e a reelaboração de materiais didáticos para o ensino de filosofia. Dessa maneira, o que esperamos é que qualquer professor interessado nesse tipo de proposta possa, a partir de sua realidade de ensino ou experiência docente, “reproduzi-la”, ou seja, revisá-la, reelabora-la etc., ampliando o alcance da própria filosofia no Ensino Básico.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e Vida*. Tradução: J. Guinsburg, Sílvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *O Teatro e seu Duplo*. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

CEPPAS, Felipe. “Desencontros entre ensinar e aprender filosofia”. In: *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Número 15, nov/2010-abr/2011, p. 44-54.

CHAUÍ, Marilena. *Espinosa – uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

ESPINOSA, Bento. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. São Paulo: Editora Autêntica, 2008.

FABRINI, Ricardo Nascimento. “O Ensino de filosofia: a leitura e o acontecimento”. In: *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 28(1): 7-27, 2005.

FAVARETTO, Celso. “Sobre o ensino de Filosofia”. In: *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 19, n. 1, jan/jun. 1993, p. 97-102

LARROSA, Jorge Bondía. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. In: *Tremores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “A Ciência e a experiência da expressão”. In: *A prosa do mundo*, trad. Paulo Neves, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SILVA, Franklin Leopoldo e. “História da Filosofia: centro ou referencial?.” In: NETO, H. N. (Org.) *O ensino da filosofia no 2º grau*. São Paulo: SEAF/Sofia, 1987, p. 153-162.

## **ANEXO 1 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA: CULTURA E ARTE POR MEIO DO PENSAMENTO DE ANTONIN ARTAUD**

### **TEMA**

Esta sequência didática tem como tema a reflexão filosófica sobre a cultura e a arte por meio do pensamento de Antonin Artaud. Para tanto, este plano de ensino busca inicialmente analisar o pensamento iluminista e as suas influências na cultura ocidental, de modo a trabalhar com base na crítica artaudiana à cultura ocidental e ao apego do ocidente pelos textos escritos, apontando o modo como esse autor elabora seu conceito de “cultura” e as possibilidades de construção de uma arte revolucionária.

### **JUSTIFICATIVA**

Para realizar essa sequência didática, adotamos uma concepção de filosofia, a espinosana, e uma concepção de ensino de filosofia, a criação de condições de inteligibilidade. Acreditamos que a obra de Antonin Artaud cumpre esses requisitos. Além disso, o pensamento artaudiano se encaixa perfeitamente como centro de uma sequência didática que se propõe a fazer uma reflexão filosófica sobre temas próprios ao ensino de filosofia, como o pensamento iluminista, o conceito de cultura, o predomínio dos textos escritos e a arte.

### **OBJETIVOS**

Esta sequência didática tem como objetivos: a compreensão do pensamento iluminista e das suas influências na cultura europeia, o entendimento da crítica de Antonin Artaud à cultura ocidental e do conceito de cultura defendido por ele, a compreensão dos comentários do artista francês em relação ao predomínio do texto escrito no ocidente e a discussão sobre o que seria uma arte revolucionária a partir do pensamento de Artaud.

### **CONTEÚDO PROGRAMÁTICO**

Aula 1 – O Iluminismo e suas consequências na cultura europeia

Aula 2 – O conceito de cultura artaudiano

Aula 3 – A finalidade das obras primas para Antonin Artaud

Aula 4 – A possibilidade de uma arte revolucionária a partir de Antonin Artaud

### **ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Pensamos as estratégias de ensino-aprendizagem desta sequência didática em quatro etapas. As duas primeiras seriam contempladas pela primeira aula, consistindo em uma aproximação do aluno aos temas tratados no plano de ensino, o que acontece inicialmente por meio da arte (visual e musical), e, em segundo lugar, por meio de uma aula expositiva sobre o Iluminismo e suas contribuições para a formação da cultura europeia da *Belle Époque*. A segunda etapa seria feita na segunda e na terceira aulas, tratando-se de uma leitura conjunta entre professor e alunos de dois textos de Antonin Artaud: “O teatro e a cultura” e “Para acabar com as obras primas”. A última etapa, presente na quarta aula do plano de ensino, seria uma roda de conversa sobre as possibilidades de construção de uma arte revolucionária utilizando o pensamento de Artaud.

### **PROCESSO AVALIATIVO**

A avaliação dessa sequência didática seria feita na última aula, dentro da roda de conversa sobre as possibilidades de construção de uma arte revolucionária a partir de Artaud. Os alunos seriam avaliados em dois aspectos: compreensão das críticas de Antonin Artaud e possibilidades de construção de uma arte revolucionária (propostas elaboradas pelos próprios alunos).

## **ANEXO 2 - AULA 1: O ILUMINISMO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA CULTURA EUROPEIA**

### **IDENTIFICAÇÃO COMPLEMENTAR**

Aula elaborada para aplicação no ensino médio, dentro da disciplina de filosofia.

### **OBJETIVOS DA AULA**

Esta aula tem como objetivos: a compreensão dos principais aspectos do pensamento iluminista, o entendimento do modelo de razão do iluminismo e a compreensão das influências do iluminismo na cultura europeia.

### **DURAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Uma aula com duração de cinquenta minutos.

### **ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA**

Esta aula é dividida em duas etapas principais: introdução e aula expositiva.

Na introdução os alunos entrarão em contato com o período iluminista por meio de recursos sensibilizantes. Serão utilizados dois vídeos: um sobre o Antigo Regime<sup>13</sup> e o outro sobre a *Belle Époque*<sup>14</sup>. Além disso, os alunos ouvirão uma música clássica<sup>15</sup> enquanto assistem aos vídeos.

Depois dessa introdução, será realizada uma aula expositiva. Essa aula trata do contexto histórico de surgimento do iluminismo, quais eram os principais aspectos do pensamento iluminista, como os pensadores iluministas moldaram a razão ocidental e quais foram as influências desse movimento na cultura ocidental.

---

<sup>13</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=uBrM6pGPfX8>

<sup>14</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=eHZpK7WOWBo>

<sup>15</sup> A música “Requiem” de Wolfgang Amadeus Mozart.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.

KANT, Immanuel. O que é o Esclarecimento? Tradução: Luiz Paulo Rouanet. 1781.

MARCONDES, Danilo. “O Iluminismo” In: *Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

## **ANEXO 3 - AULA 2: O CONCEITO DE CULTURA ARTAUDIANO.**

### **IDENTIFICAÇÃO COMPLEMENTAR**

Aula elaborada para aplicação no ensino médio, dentro da disciplina de filosofia.

### **OBJETIVOS DA AULA**

Esta aula tem como objetivos: a compreensão das críticas de Antonin Artaud à cultura ocidental e o entendimento do conceito de cultura defendido por ele.

### **DURAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Uma aula com duração de cinquenta minutos.

### **ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA**

Esta aula foi dividida em duas etapas principais: introdução ao tema e leitura de partes do texto “O teatro e a cultura”.

Na introdução devem ser feitas algumas pontuações sobre o contexto histórico do período entreguerras – o período em que Antonin Artaud escreveu seus principais textos sobre a cultura – e como ele se encaixava artística e filosoficamente na Europa desse período.

Depois da introdução, será realizada uma leitura conjunta entre professor e alunos de partes do texto “O teatro e a cultura”<sup>16</sup>, texto que é parte da coletânea *O Teatro e seu Duplo*.

---

<sup>16</sup> Parte 1: “Nunca como nesse momento, quando é a própria vida que se vai, se falou tanto em civilização e cultura. E há um estranho paralelismo entre esse esboroamento generalizado da vida que está na base da desmoralização atual e a preocupação com uma cultura que nunca coincidiu com a vida e que é feita para reger a vida. (...) Antes de retornar à cultura, constato que o mundo tem fome e que não se preocupa com a cultura; e que é de um modo artificial que se pretende dirigir para a cultura pensamentos voltados apenas para a fome. (...) O mais urgente não me parece tanto defender uma cultura cuja existência nunca salvou qualquer ser humano de ter fome e da preocupação de viver melhor, mas extrair, daquilo que se chama cultura, ideias cuja força viva é idêntica à da fome” (ARTAUD, 2006, p. 1).

Parte 2: “O que falta, certamente, não são sistemas de pensamento; sua quantidade e suas contradições caracterizam nossa velha cultura europeia e francesa; mas quando foi que a vida, a nossa vida, foi afetada por esses sistemas? (...) Não diria que os sistemas filosóficos sejam coisas para se aplicar direta e imediatamente; mas de duas, uma: Ou esses sistemas estão em nós e estamos impregnados por eles a ponto de viver deles, e então que importam os livros? Ou não estamos impregnados por eles, e nesse

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARTAUD, Antonin. “O teatro e a cultura”. In: *O Teatro e seu Duplo*. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

---

acaso não mereciam nos fazer viver; e, de todo modo, o que importa que desapareçam?” (ARTAUD, 2006, p.2).

## **ANEXO 4 - AULA 3: A FINALIDADE DAS OBRAS PRIMAS PARA ANTONIN ARTAUD**

### **IDENTIFICAÇÃO COMPLEMENTAR**

Aula elaborada para aplicação no ensino médio, dentro da disciplina de filosofia.

### **OBJETIVOS DA AULA**

Esta aula tem como objetivos: a compreensão da importância da linguagem escrita para a cultura ocidental, o entendimento do conceito de linguagem para Antonin Artaud e a compreensão da crítica que Artaud realiza ao domínio do texto escrito na Europa.

### **DURAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Uma aula com duração de cinquenta minutos.

### **ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA**

Esta aula foi dividida em duas etapas principais: introdução e leitura de partes do texto “Acabar com as obras primas”.

Na introdução devem ser feitas algumas pontuações sobre o modo como a cultura ocidental se fundamentou sobre o texto escrito e sobre o conceito de linguagem que Antonin Artaud defende.

Depois da introdução, será realizada uma leitura conjunta entre professor e alunos de partes do texto “Acabar com as obras primas”<sup>17</sup>, texto que é parte da coletânea *O Teatro e seu Duplo*.

---

<sup>17</sup> Parte 1: “As obras-primas do passado são boas para o passado, não para nós. Temos o direito de dizer o que foi dito e mesmo o que não foi dito de um modo que seja nosso, imediato, direto, que responda aos modos de sentir atuais e que todo mundo compreenda. (...) É idiotice censurar a massa por não ter o senso do sublime, quando se confunde o sublime com uma de suas manifestações formais que são, aliás, e sempre, manifestações mortas. E se, por exemplo, a massa de hoje já não compreende Édipo rei, ousou dizer que a culpa é de Édipo Rei e não da massa” (ARTAUD, 2006, p.83-84).

Parte 2: “Se a massa se desacostumou de ir ao teatro; se acabamos todos por considerar o teatro como arte inferior, um modo de distração vulgar, e por utilizá-lo como exutório para nossos maus instintos, foi por tanto nos dizerem que isso era teatro, ou seja mentira e ilusão. Foi por nos habituarem desde quatrocentos anos, desde a Renascença, a um teatro puramente descritivo e narrativo, que narra a psicologia” (ARTAUD, 2006, p.86).



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARTAUD, Antonin. “Acabar com as obras primas”. In: *O Teatro e seu Duplo*. Tradução: Teixeira Coelho. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.

## **ANEXO 5 - AULA 4: A POSSIBILIDADE DE UMA ARTE REVOLUCIONÁRIA A PARTIR DE ANTONIN ARTAUD**

### **IDENTIFICAÇÃO COMPLEMENTAR**

Aula elaborada para aplicação no ensino médio, dentro da disciplina de filosofia.

### **OBJETIVOS DA AULA**

Esta aula tem como objetivos: a compreensão do conceito de cultura de Antonin Artaud, o entendimento do conceito de linguagem de Antonin Artaud e a discussão sobre o que seria uma arte revolucionária a partir do pensamento de Artaud.

### **DURAÇÃO DAS ATIVIDADES**

Uma aula com duração de cinquenta minutos.

### **ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA**

Esta aula foi dividida em duas etapas principais: introdução e discussão sobre o que seria uma arte revolucionária a partir do pensamento de Antonin Artaud.

Na introdução serão feitas algumas pontuações sobre as críticas de Antonin Artaud à cultura ocidental e quais conceitos de cultura e linguagem ele defende.

Depois da introdução, deve ser realizada uma roda de conversa entre professor e alunos sobre as possibilidades de construção de uma arte revolucionária. Nessa roda de conversa, será possível saber se os alunos compreenderam que para Artaud uma arte revolucionária é uma arte que, sobretudo, possibilita uma transformação interna e uma luta contra as hierarquias.

A partir disso, haverá uma proposição aos alunos para que eles pensem o que seria uma arte revolucionária hoje, quais manifestações artísticas atuais

eles conhecem que possibilitam uma transformação do corpo como um todo e uma luta contra as hierarquias impostas.